

Théorie Feministe, Anthropologie et Psychanalyse
(Teoria Feminista , Antropologia e Psicanálise)

Lia Zanotta Machado

Resumo estendido:

1. O risco da perspectiva tradicional antropológica presente em muitos trabalhos e entre as mais variadas linhagens teóricas, é a de entender os sistemas culturais de cognição como formas de representação coletiva que precedem e se impõem aos indivíduos nos respectivos tempos históricos . Quando o sentido de cultura é tomado como monolítico, a classificação de gênero encontrada pelo pesquisador corre o risco de ser entendida como hegemônica ou única . Poderá ter como efeito a produção de uma crença/explicação de que os comportamentos naquela cultura da alteridade ou naquele micro cosmo da cultura ocidental focalizado, são reciprocamente aceitos e incontroversos para quaisquer dos gêneros e para quaisquer indivíduos, (salvo talvez para alguns imediatamente pensados como desviantes...).

2. A perspectiva psicanalítica , em suas várias linhagens teóricas, pode se apresentar para a antropologia como armadilha e o será caso venha a ser incorporada como a produção de uma classificação sexuada de gênero instituída invariavelmente para todas as sociedades/culturas em um singular momento definitivo edipiano de aquisição das identidades sexuais e onde o feminino é sempre a falta e é a negação do masculino.

Proponho fundamental e fecundo o discurso psicanalítico para permitir introduzir uma incorporação dos desejos , do imaginário , das contradições do simbólico nas reflexões antropológicas sobre as formas de engajamento das agencialidades humanas como subjetividades no contexto relacional entre humanos e não humanos, assumindo e se situando em diferentes posições de sujeito.

3. Pergunto-me então como podem ser as contribuições da interlocução entre Antropologia, Psicanálise e Feminismo ao pensar as noções de sujeitos/pessoas/ indivíduos genderizados em culturas da alteridade e em culturas modernas. Henrietta Moore (2007), de forma clara aponta como o “self não pode ser reduzido ao sujeito constituído discursivamente, pois desejo fantasia e motivação inconsciente não podem ser contidas completamente pelo discurso” e que aí se torna importante a contribuição da psicanálise.

A contribuição psicanalítica nas formas de fazer antropologia poderia centrar-se no entendimento de que a subjetividade não se dissolve no social . Que invocar o social/cultural como preenchendo um suposto vazio da subjetividade, é esquecer que os sujeitos humanos se relacionam através de atos de engajamento, investimento e desejo, e que se constituem em sujeitos nas mais diferentes situações e posições desiguais de hierarquia e poder.

4. A diversidade de subjetividades e a diversidade e desigualdade de posições de sujeito (tão caras ao feminismo) diante dos contornos dos sistemas de classificação de gênero e diante das relações de gênero poderiam ser aprofundadas pela contribuição das perspectivas psicanalíticas. Recorro aqui a textos escritos por mim em *Feminismo em Movimento* (Machado, 2010) quando refleti sobre os desafios das perspectivas antropológicas que se querem feministas. As perspectivas feministas enfrentam com facilidade os desafios metodológicos de não reificar o conceito de cultura, dada a prioridade feminista de focalizar as posições diferentes e desiguais de posições de sujeitos genderizados. As perspectivas feministas que se querem antropológicas, por outro lado, devem fugir dos perigos metodológicos de reificar a universalidade abstrata e uniformada dos gêneros por todas as culturas.

5. Proponho-me agora pensar as relações entre as formas de classificar sujeitos em (e por) gêneros, e as ações dos sujeitos genderizados em relações de violência, articulando questões e perspectivas da Antropologia, do Feminismo e da Psicanálise.

Ao trabalhar com narrativas das mulheres agredidas e de homens agressores as formas relatadas sobre seus investimentos mostram muitas vezes permanências ou trânsitos entre o que psicanalistas lacanianos chamariam de estruturas clínicas. As estruturas obsessivas tal como apresentam Lacan e Dor, parecem servir de metáfora para as narrativas masculinas.

Os relatos visibilizam fortemente, “o bater por ciúmes”, o “bater” como motivado pelo “medo de perder”. (pesquisa junto a DEAM, 1999)

_P. “Porque você acha que tem tanta denúncia de marido que bate em mulher?”

_R. “Deve ser muito ciúme, não é? A pessoa deve ter muito ciúme para caçar briga com a mulher.”

_P. “E o que você acha dos homens, que batem nas mulheres?”

_R. “Tratando bem, eu acho que deve ser que a mulher faz alguma coisa errada pros homens bater.”

A pergunta da pesquisadora a Décio, de uma forma projetiva, produz o efeito de ele poder falar de seu sentimento de “medo de perder”.

-P “Como você pensa esses homens que batem nas mulheres, que agredem?”

_ Responde Décio: “Até um tempo atrás eu acho que eu precisava de um tratamento psiquiátrico, precisaria muito, porque a gente fica meio transtornado, a gente perde um pouco a cabeça. Tudo por causa da mulher, do amor, né. E do medo de perder”.

Os relatos destes comportamentos lembram a estrutura clínica lacaniana do obsessivo masculino, conforme as palavras de Joël Dor (1993). *“O obsessivo não pode perder.(...). Do mesmo modo que o obsessivo apresenta uma disposição favorável a se constituir como **tudo para o outro**, deve despoticamente **tudo controlar** e **tudo dominar**, para que o outro não lhe escape de maneira nenhuma, isto é, para que ele **não perca nada**. A perda de alguma coisa do objeto só pode,*

remetê-lo à (...) uma **falha em sua imagem narcísica**". (p.105) *"De uma maneira geral, a estratégia obsessiva consiste em se apropriar de um **objeto vivo** para transformá-lo em **objeto morto**, e cuidar para que assim permaneça. Na maior parte do tempo, somente assim é que poderá manter algum comércio amoroso com ele. A fim de melhor chegar a isso, ele pode igualmente enobrecer seu objeto de amor enfeinando-o, isto é, transformando-o em objeto cada vez mais indesejável. O que garante, de uma certa forma, que esteja bem morto. Além disso, esta destituição desejante apresenta igualmente a vantagem de ancorar a posse imaginária do objeto contra o olhar de um rival sempre potencial."* (pp.111 e 112)

O homem masculino, deve fazer obedecer sua mulher, e deve controlar, ter posse de sua mulher, isso é , identificar-se como homem. De outra, os investimentos subjetivos parecem lhe dizer o indizível para uma identificação hegemônica de ser homem: ter medo. Ter medo de perder. Constituir-se-ia o medo dos homens de perder mulheres, de perder patrimônios, no fundamento impensado das relações desiguais de gênero na modernidade?

O medo masculino parece basear o poder , o controle e a posse . Mas se desencadeado o medo masculino em contexto em que pode perder a "sua mulher", o efeito é a agressão contra o outro: a mulher .

Em contraste o "medo" das mulheres em contexto em que podem perder o "seu homem", o efeito é a paralisação de si mesma: a mulher. Numa e noutra situação, o medo dos homens e o medo das mulheres se tornam mediadores e reforços do controle dos homens sobre as mulheres.

Os relatos das mulheres agredidas nos mostram uma parecença com a estrutura clínica histórica, predominantemente feminina, segundo a psicanálise lacaniana. Contudo, os relatos variam substantivamente entre uma quase total adesão da narrativa ao construto psicanalítico do modelo da chamada estrutura histórica a outras narrativas que mostram o trânsito, o ir e vir e/ou o saltar para fora deste modelo. Ou seja, as narrativas demonstram a "insatisfação" com "a economia do desejo histórico (que) é permanecer insatisfeita" , tal como descrito por Dor, 1993,p.69.

C. 33 anos, filha de 7 anos. 13 anos de Casada. 1 ano do ocorrido. (Pesquisa junto a Juizado Especial contra a Mulher, 2013)

-P. *O que te levou a fazer a denúncia?*

-R. *Ele bebe né, bebia muito. Agora diminuiu, mas continua bebendo. Aí eu cheguei em casa e ele reclamou que não tinha comida feita. Aí eu falei ué não fiz não, tô muito cansada, porque era sexta (de sexta pra sábado). Aí ele começou a xingar, falou que eu estava muito abusada e que iria me matar. Pegou um facão e foi pra cima de mim. Mas não chegou a me pegar. Eu afastei também e calei. Pensei que se fosse pra cima, aconteceria coisa pior*

Ele passa um tempo bom e depois passa a beber de novo, mas não me agride não, fica quieto. Mas é chato, a gente quer uma pessoa que te acompanhe, que te leve pra passear. (...)mas fico com medo de divorciar dele. Fico com medo de acontecer o pior... Tenho medo de ele se revoltar igual essas coisas que a gente vê no jornal,

essas violências que homem fica revoltado e acaba matando a mulher. Quando eu vejo essas coisas já fico pensando que poderia ser eu. Mas eu fico com medo.

Dor (1983, p.78) assim define a estrutura clínica histérica:

(...) Se fundamentalmente, o objeto do desejo edipiano, o falo, é aquilo de que o histérico se sente injustamente privado, ele não pode delegar a questão de seu desejo a não ser àquele que é suposto tê-lo. Neste sentido, o histérico não interroga a dinâmica de seu desejo senão junto ao outro, que é sempre suposto deter a resposta ao enigma da origem e do processo do desejo em questão. (...)

“Estar ali sem realmente estar, constitui para a histérica, em sua relação com o outro, uma porta de saída salutar, para o caso de não se tratar de uma boa opção. Esta disposição ganha sua importância do ponto de vista da economia do desejo histérico, cuja constante é permanecer insatisfeita”.

O relato da agredida C poderia ser subsumido todo à delegação do seu desejo junto ao outro ? Todo não, mas em parte sim, quando se focaliza a sua permanência em situação de insatisfação . Ela sabe qual é o seu desejo. Quer um marido companheiro e pai amoroso de sua filha. Mas o que ela quer parece depender totalmente do que o marido vier a fazer. Parece estar assim presa ao desejo do outro. Continua privilegiando o desejo de ser desejada pelo companheiro.

Contudo, foi o seu desejo independente de não aprontar o jantar para o marido por estar cansada, que, detonou a agressão do marido a ameaçando com a faca. Assim, nem sempre C se apresenta como a eterna insatisfeita. Ela disputa pela possibilidade de dizer que está cansada. Ela aceita auxílio terapêutico em busca de alcançar seus desejos. Mas tem medo. Medo de perder a vida , não somente porque viu notícias em jornal, mas porque já foi ameaçada com faca.

Y. 41 ANOS. 5 FILHAS. Já tem 25 anos que mora em Brasília(Pesquisa junto a Juizado Especial contra a Mulher, 2013)

R. E começou a me faltar com o respeito, na presença das crianças inclusive. Ficava me humilhando, falava que a casa não era minha, era dele. Já me expulsou de casa, mas eu nunca saí, apesar da humilhação, que era muito grande. E a gente ficava brigando, voltando (..) E um dia ele bateu na minha filha mais velha sem quê nem porque. E ela era de menor ainda...não fizemos nada, ficamos muito assustadas. Não procuramos polícia. Passou e aconteceu outra vez. Ele bateu nela de novo...ela era de maior e me disse que iria registrar uma ocorrência. E eu apoiei ela...falei que iria também. Foi quando eu comecei a acordar (...)Eu tive minha formatura do Ensino Médio, eu fui com as minhas filhas...ele não quis ir. Ficou em casa bêbado xingando e disse que tocava fogo na casa. Eu fiquei com muito medo, mas era minha formatura, as meninas tudo arrumadas. Eu saí. Não chorei, mas fiquei muito tensa. Chegando em casa 1h30, ele não tocou fogo, mas quebrou todas as coisas do meu quarto. (...)De uns tempos pra cá piorou muito. Ele começou a me ameaçar de novo. Eu havia falado que não iria mais tolerar ele me xingando, gritando para os vizinhos ouvirem, falando coisas pras próprias filhas também. Antes que acontecesse algo pior, eu fui à DEAM e pedi para que ele saísse de casa. Aí sim resolveu. O juiz concedeu para que ele ficasse 200m longe de mim e das meninas, até decidir em juízo os dias de visita.

O relato da agredida Y poderia ser subsumido todo à delegação do seu desejo junto ao outro ? O todo não, mas em parte sim, quando se focaliza a sua permanência em “*ficar brigando e voltando*”. Está em situação de insatisfação porque não quer que a humilhe , nem que bata na sua filha. Contudo, se defronta com a percepção de que esta é a forma “normal”, isto é, que não há outra forma de vivenciar o feminino: a figura de sua mãe submetida (*judiada*) a seu pai. Vê-se aqui que considerar “normal” não significa não se incomodar.

“Acordada” , foi estudar em Escola de Ensino Médio. Tal desejo foi realizado e visibilizado expressivamente na cerimônia de formatura, o que desencadeou a ameaça do marido em tocar fogo na casa e a efetiva destruição de bens: computador e porta..”

Conclusões:

Incorporar a análise do medo e o subsequente desencadear de emoções e atos permite devolver às situações de violência sua complexidade: o enredamento das subjetividades em suas posições de sujeitos com as expectativas das funções sociais e culturais masculinas e femininas. Assim, torna-se claro que as expectativas sociais das classificações e das identificações de gênero tem contornos e limites flexíveis ,e que do ponto de vista das subjetividades são múltiplas as possibilidades das identificações. No entanto, diante dos conflitos, a solução da agressão aparece para os sujeitos genderizados no masculino como uma ação com a qual se identificam e consideram legítima .

O que parece produzir um forte efeito estabilizador nas categorias de gênero não são os próprios atributos das categorias em sistemas rígidos de classificação de gênero ou as formas flexíveis de os sujeitos indivíduos se classificarem ou classificarem os outros, mas muito mais as formas sociais públicas e privadas de se manter e legitimar as relações de poder entre gêneros. Como contraponto, a nova legislação e as práticas jurídicas que se aproximam do espírito e do texto da nova lei parecem estar contribuindo para desestabilizar o quase estado de normalização e banalização que se atribuía às violências domésticas contra as mulheres e dar maior visibilidade a de que muitos sujeitos masculinos se identificam com a figura do controle, do poder e da agressão .